

Livro-Reportagem
Narrativas sobre
Gurupi-TO

Autoria e organização:

Prof^a Ma. Anette Maria Rodrigues Silva Bento Oliveira

Prof^a Ma. Alessandra Gomes Duarte Lima

Prof. Me. Clifton Moraes Correia

Me. Rafael Silva Oliveira

Livro-Reportagem Narrativas sobre Gurupi-TO



Foto da Capa: Rafael Oliveira

Revisão dos autores

Projeto Gráfico: Eliosmar Veloso

LIVRO SUBMETIDO AO **CONSELHO EDITORIAL** DA EDITORA VELOSO

➤ **Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha**

Escritor, Mestre em Teoria Literária e Prof. Universidade Federal do Tocantins

➤ **Prof. Paulo Henrique Costa Mattos**

Escritor, Professor Universitário e Membro da Academia Gurupiense de Letras

➤ **Eliosmar Veloso**

Escritor, Editor e Membro da Academia Gurupiense de Letras.

➤ **Prof. Dr. Plínio Sabino Sélis**

Escritor e Prof. Universidade Federal do Tocantins/Centro Universitário de Gurupi

➤ **Prof. Mestre Santo Reni Florão**

Escritor e Prof. Instituto Específico de Ensino Pesquisa e Pós-Graduação/Faculdade de Ciências Aplicadas de Marabá

➤ **Zacarias Martins**

Escritor, jornalista, membro da Academia Tocantinense de Letras.

A Biografia completa dos membros do Conselho Editorial está disponível na editora.

Reg. Ed. 69312.2024

OLIVEIRA, Anette Maria Rodrigues Silva Bento; LIMA, Alessandra Gomes Duarte; CORREIA, Clifton Moraes; OLIVEIRA, Rafael Silva; Livro-Reportagem: Narrativas sobre Gurupi-TO, 1ª edição, Gurupi, TO: Editora Veloso, 2024.

70 p.

Conteúdo. 1. Jornalismo. 2. Imprensa Documentária 3. Lit. brasileira

1. Título

ISBN: 978-65-5282-010-5

CDD – 070

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

PREFÁCIO

O livro-reportagem *Narrativas sobre Gurupi* é o resultado dos trabalhos práticos desenvolvidos pelos alunos das disciplinas de *Gêneros, Formatos e Estilos Jornalísticos* e *Redação Jornalística*, do curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG), durante o segundo semestre de 2024.

Nos dois componentes curriculares, os estudantes se dedicaram à produção textual em suas diversas tipologias. Nesse contexto, o professor das disciplinas, Me. Clifton Morais Correia, desafiou os discentes a produzirem reportagens sobre fatos históricos da cidade de Gurupi, Tocantins, colocando em prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula.

Ao todo, 16 alunos elaboraram as matérias, organizadas neste livro em 10 capítulos. Toda a organização e revisão da obra foram realizadas pelos professores do curso, Prof^a Ma. Anette Maria Rodrigues Silva Bento Oliveira, Prof^a Ma. Alessandra Gomes Duarte Lima, Prof. Me. Clifton Morais Correia e Prof. Me. Rafael Silva Oliveira.

No capítulo 1, *Museu Benjamim Rodrigues: Eternizando a História do Criador de Gurupi*, de autoria de Izarina Bueno e Francisco Bega, os estudantes visitaram o Centro Cultural Mauro Cunha, em Gurupi, para explorar o local onde funciona o Museu Benjamim Rodrigues. Na reportagem, os discentes abordam a

trajetória de Benjamim Rodrigues como fundador de Gurupi e relatam o surgimento do museu. Além disso, destacam as doações recebidas pela instituição e a desvalorização do espaço, já que não dispõe de sede própria.

O capítulo 2, com o tema *A Capoeira em Gurupi e a Luta pela Valorização*, foi desenvolvido por Elane Francisco da Silva e Daniel Dantas. Eles traçam um panorama dos grupos de capoeira que já atuaram em Gurupi e daqueles que ainda mantêm viva essa cultura na cidade. A reportagem também aborda o significado da capoeira, as cores das cordas e as músicas cantadas, além de discutir o preconceito e a desvalorização sofridos pelos grupos de capoeira, especialmente por parte dos órgãos públicos.

Já no capítulo 3, Altemar de Oliveira Martins desenvolveu o tema *Eva de Oliveira Martins: Pioneira no Bairro Malvinas em Gurupi*. Eva foi uma das primeiras moradoras do setor Malvinas, um dos mais antigos de Gurupi. O texto registra as dificuldades enfrentadas pela família de dona Eva nos primeiros anos no local e descreve a existência de uma lavanderia pública, construída por Dolores Nunes, então primeira-dama e conhecida como “a mãe dos pobres”.

O capítulo 4, intitulado *A História de Gurupi pela Ótica da Família Maciel*, é narrado por Lucas Gomes Glória e Mariana Barros Viríssimo. O leitor conhecerá mais sobre os primeiros comércios de Gurupi, a história da igreja e da escola adventista na cidade. A narrativa foi construída a partir de uma entrevista com o

jornalista e empresário Silvério Filho, que detalhou a chegada de sua família em Gurupi e sua contribuição para o desenvolvimento da cidade.

No capítulo 5, Ivanice Neres e Coraci Moreira Rocha contam a história da *Casa do Idoso em Gurupi*. Elas visitaram o local, conversaram com a direção e relataram como funciona a instituição, quantos idosos já passaram pelo lar e como é a rotina dos residentes.

Curiosidades sobre os nomes das avenidas de Gurupi são o tema do capítulo 6, produzido pelos alunos Aldivo Manuel da Silva e Marcieide Alves da Silva. Em Gurupi, as ruas homenageiam estados brasileiros e personalidades marcantes. Os estudantes entrevistaram um pioneiro da cidade, que compartilhou detalhes sobre essas curiosidades.

No capítulo 7, Samuel Ferreira da Silva Passarinho e Paulo Barros da Silva abordam o *Parque Industrial de Gurupi*. Eles relatam como essa área destinada à instalação de grandes empresas contribuiu para atrair investidores e impulsionar o desenvolvimento econômico da região. A reportagem também analisa o fechamento de diversas empresas ao longo do tempo.

O capítulo 8, intitulado *Potencialidades de Empresas no Desenvolvimento Econômico de Gurupi*, de autoria de Paola Ramos Soares, destaca exemplos de empresas que geram centenas de empregos diretos e indiretos, contribuindo para o crescimento econômico de Gurupi e região.

No capítulo 9, Adriana Castelo Branco faz um recorte histórico sobre *A Câmara Municipal de Gurupi*. O texto apresenta a origem da Câmara, os presidentes que já atuaram, as mudanças de sede e a aquisição do prédio próprio, que proporcionou uma estrutura mais adequada e significativa economia em aluguéis.

Por fim, no capítulo 10, Valesca Gonçalves aborda *A Importância da Igreja Católica na Criação de Gurupi*. A narrativa explora a chegada do primeiro padre à cidade, a fundação da primeira igreja católica e os trabalhos desenvolvidos com os fiéis.

**Prof^a Ma. Anette Maria Rodrigues Silva Bento
Oliveira**

Prof^a Ma. Alessandra Gomes Duarte Lima

Prof. Me. Clifton Moraes Correia

Me. Rafael Silva Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

MUSEU BENJAMIM RODRIGUES: ETERNIZANDO A HISTÓRIA DO CRIADOR DE GURUPI

Izarina Bueno e Francisco Bega..... 11

CAPÍTULO 2

A CAPOEIRA EM GURUPI E A LUTA PELA VALORIZAÇÃO

..... 24

Elane Francisco da Silva e Daniel Dantas

CAPÍTULO 3

EVA DE OLIVEIRA MARTINS: PIONEIRA NO BAIRRO MALVINAS EM GURUPI

Altemar de Oliveira Martins 31

CAPÍTULO 4

A HISTÓRIA DE GURUPI PELA ÓTICA DA FAMÍLIA MACIEL

Lucas Gomes Glória e Mariana Barros Viríssimo 35

CAPÍTULO 5

CASA DO IDOSO EM GURUPI

Ivanice Neres e Coraci Moreira Rocha..... 41

CAPÍTULO 6

CURIOSIDADES SOBRE OS NOMES DAS AVENIDAS DE GURUPI

Aldivo Manuel da Silva e

Marcieide Alves da Silva..... 46

CAPÍTULO 7

PARQUE INDUSTRIAL DE GURUPI (PAIG)

Samuel Ferreira da Silva Passarinho e

Paulo Barros da Silva..... 52

CAPÍTULO 8 POTENCIALIDADES DE EMPRESAS NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE GURUPI <i>Paola Ramos Soares</i>	60
CAPÍTULO 9 A CÂMARA MUNICIPAL DE GURUPI <i>Adriana Alves Castelo Branco</i>	64
CAPÍTULO 10 A IMPORTÂNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA CRIAÇÃO DE GURUPI <i>Valesca Vitória Gonçalves</i>	71
SOBRE OS ORGANIZADORES	74

MUSEU BENJAMIM RODRIGUES: ETERNIZANDO A HISTÓRIA DO CRIADOR DE GURUPI

Izarina Bueno e Francisco Bega

A cidade de Gurupi completou 66 anos de emancipação em novembro de 2024 e muitas pessoas tiveram papel importante no desenvolvimento da terceira maior cidade do Tocantins. A história da criação da cidade pode ser lembrada de várias formas e uma delas é através do Museu Benjamim Rodrigues, local pouco conhecido da população que guarda peças importantes de personalidades históricas e que ajudam a não deixar esquecida parte da história da cidade mais importante do sul do estado do Tocantins.

Pelos olhares dos estudantes de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG), Izarina Bueno e Francisco Bega, vamos conhecer quem foi Benjamim Rodrigues, a importância dele na história de Gurupi e o contexto de criação do museu que hoje leva o seu nome. Além disso, será possível saber quais são as peças que estão à disposição para visitação e os desafios de manter a história cultural da cidade viva por meio deste espaço físico.

Benjamim Rodrigues Nogueira nasceu em 1900 em Tocantínia, interior do estado do Tocantins, e foi um

dos primeiros a chegar em Gurupi durante o esgotamento das jazidas de cristais em Cristalândia (TO), quando houve forte migração na região.

A relação de Benjamim Rodrigues com Gurupi começou em 1952, durante a construção da rodovia Belém – Brasília (atual BR-153). Ele estava participando da abertura da estrada com o engenheiro Bernardo Sayão quando, ao procurar alguns gados perdidos, encontrou uma região próspera que, tempos depois, viria a se tornar Gurupi. Nesse tempo, Benjamim Rodrigues morava em Peixe, cidade que fica pouco mais de 70 quilômetros de Gurupi.



Na foto, Benjamim Rodrigues e a esposa dele, Eurídice Rodrigues Brito

Em 1958, ele batizou o local - que na época era totalmente coberta com vegetação nativa do cerrado - com o nome de *Gurupi*, que significa diamante puro na língua tupi, uma homenagem ao cacique Xerente que vivia na região.



Benjamim Rodrigues – Fundador de Gurupi

Primeiro comércio de Gurupi

Além de poder ser considerado a pessoa que desbravou e descobriu Gurupi, Benjamim Rodrigues foi também o responsável pelo primeiro comércio na cidade, onde ele trabalhava com vendas de alimentos. Era uma pequena mercearia que vendia vários produtos como arroz, feijão, fumo de rolo, cachaça, café, açúcar, querosene e até remédio para matar bicheira de gato.

Mesmo de forma mais tímida, o empreendimento dele já chamava à atenção para outros comerciantes e fazia com que a cidade se tornasse um polo exportador da agricultura e pecuária local, anos depois. Nesse período o município também recebeu a construção da

primeira igreja denominada Matriz de Santo Antônio, o padroeiro da cidade, e, aos poucos, o município foi crescendo social, economicamente e culturalmente.



Casa de Benjamim Rodrigues em Gurupi. Na foto, ele e a esposa.

Ao longo da sua trajetória de vida na cidade de Gurupi, Benjamim Rodrigues não ocupou nenhum cargo político de forma oficial, mas foi peça chave na política gurupiense. Foi casado com Eurídice Rodrigues Brito e teve cinco filhos. Aos 85 anos, em 1985, ele faleceu. Para manter a sua memória viva, foi criado em 2013, a pedido da neta dele, Lucyana Pereira Rodrigues, o Museu Histórico Cultural Benjamim Rodrigues, que é

vinculado à Prefeitura de Gurupi, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.



Lucyana Pereira Rodrigues neta de Benjamim e Edson Rodrigues Brito, filho dele

Sobre o Museu Benjamim Rodrigues

Criado em 2013, o Museu Benjamim Rodrigues funciona no prédio do Centro Cultural Mauro Cunha, no centro de Gurupi. Na época, a política cultural da cidade ainda não tinha documentação necessária para se ter um museu e, por isso, a Secretária de Cultura da época, Zenaide Dias Costa, precisou buscar junto à Secretaria de Cultura do Governo do Tocantins e ao Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM) todos os documentos

necessários para legalização, para que o museu Benjamin começasse a funcionar.



Museu Benjamin Rodrigues (Funciona no prédio do Centro Cultural Mauro Cunha)

Segundo Zenaide Dias, a participação de Célio Pedreiras, Secretário de Cultura do Tocantins em 2013, foi fundamental para que todo o processo de legalização fosse agilizado. "Fui influenciada pelo secretário de turismo e cultura a criar o museu, pois na época ele estava com um movimento de resgate da cultura tocantinense em todo o Estado e o país inteiro estava com ideia voltada para a valorização dos museus. Foi então que decidimos entrar em contato com o IBRAM que nos deu todo o suporte necessário para que, de fato, o museu fosse registrado. Foi criada uma lei junto à Câmara de Vereadores de Gurupi para que o museu tivesse o nome de Benjamin Rodrigues e foi a partir desse momento que ele passou a funcionar", explicou Zenaide.

Pouca estrutura

Apesar das conquistas e do tempo de existência, o museu até hoje não tem um espaço próprio e precisa dividir espaço com a biblioteca municipal, que funciona no prédio do Centro Cultural Mauro Cunha. As visitas ainda são poucas e acontece mais em datas específicas, mesmo o local sendo aberto semanalmente. Além disso, a Secretaria de Cultura não tem uma informação concreta sobre todas as peças em exposição e a história de cada uma delas. Não existe um guia próprio para atender os visitantes e explicar a história das peças que foram doadas ao museu.



O Museu Benjamim Rodrigues divide espaço com a biblioteca municipal. Não existe espaço próprio

A Secretaria de Cultura e Turismo de Gurupi afirma que tem projetos para construção de um espaço próprio, mas isso não tem prazo para acontecer. Enquanto isso, a realidade ainda é de um local esquecido e o registro de muitas doações que já estão

quebradas e até furtadas do lugar, segundo informações dos próprios servidores.

Todos sabemos como os museus desempenham um papel essencial na preservação da memória, na educação e no fortalecimento da identidade cultural de Gurupi. Esse espaço deve funcionar como guardião da história local, promovendo o reconhecimento e a valorização das narrativas regionais, muitas vezes esquecidas pelo tempo. Além disso, o Museu Benjamim Rodrigues também deve servir de instrumento de desenvolvimento cultural e social, estimulando o turismo, a economia criativa e o senso de pertencimento da comunidade, não apenas resgatando e protegendo o patrimônio da cidade, mas também contribuindo para a formação de uma consciência histórica coletiva, que é fundamental para inspirar novas gerações a cuidarem de seu legado cultural.

Muitas peças foram doadas para o Museu Benjamim Rodrigues como telefones antigos, máquinas de escrever, instrumentos musicais, relógios de paredes etc. Muitos desses materiais são do próprio Benjamim.

Recorte sobre algumas peças do Museu e suas histórias

Entre as peças em exposição está o instrumento musical conhecido como órgão, doado pela Paróquia Santo Antônio. Objetos pessoais que pertenceram a Benjamim Rodrigues, como cadeiras, porta-retratos e máquinas fotográficas também estão no local. Além disso, moedas de cruzado, panelas feitas de pedra sabão (rocha utilizada na fabricação de utensílios) e até um

isqueiro da década de 1950, que era chamado de binga e que também dão vida ao museu.



Máquina fotográfica de Benjamim Rodrigues



Cadeira que pertenceu a Benjamim

Uma máquina registradora de um dos primeiros comerciantes de Gurupi também está no local. Objetos que foram fazendo parte da história nesses anos, como um violão doado por Adão Ferreira, músico e compositor de uma família pioneira de Gurupi (Adão participou de vários festivais musicais na região e uma das suas contribuições importantes dele foi a composição da letra do hino da cidade)

Primeira doação

A primeira peça doada para o museu foi a guitarra de Zé Américo. O músico fez muito sucesso na década de 1990 com a banda som da terra, com Chico Chokolade e João Bolo. Zé Américo foi personagem marcante na sociedade gurupiense nos “anos de ouro”, como era chamado. Com o pouco cuidado às peças do espaço e segundo informações repassadas, o instrumento fora retirado do local e desapareceu.

Uma máquina de escrever cedida pelo jornalista, poeta e escritor Zacarias Martins também faz parte do museu. A peça foi a primeira máquina de datilografia do jornalista e que ele fez questão de doar ao espaço. “Foi com esse instrumento de trabalho que comecei a minha carreira no jornalismo, fui colunista e co-fundador do jornal ‘Cocktail’ e repórter do jornal ‘A Notícia’, um dos primeiros veículos impressos de Gurupi. Eu até batizei essa máquina com o nome de ‘Gertrudes’ e foi por meio dela que contei muitas histórias da cidade de Gurupi”, explicou Zacarias.



Zacarias Martins e sua máquina 'Gertrudes'

Quem visita o museu também encontra telefones, televisores de tubo, leitores de DVD's, ferros de passar roupas com recipiente de colocar carvão, máquinas de fiar e de descarçar algodão, máquinas de costura, relógios de parede, painéis de ferro que são centenárias, calculadoras, máquina registradora de ponto manual e muitas outras peças.



Rádio doado ao museu



Violado doado por Adão Ferreira

Apesar do pouco registro documentado, os objetos doados fazem parte de uma importante narrativa sobre Gurupi e que não pode se perder por falta de investimentos necessários e valorização adequada sobre um patrimônio cultural tão importante.



Calculadora Manual



Instrumento musical órgão – doado pela igreja católica

Ao passar pela história de Gurupi é preciso saber sobre Benjamim Rodrigues e o museu com o nome dele é um local onde sua história se eternizou.

A CAPOEIRA EM GURUPI E A LUTA PELA VALORIZAÇÃO

Elane Francisco da Silva e Daniel Dantas

Gurupi, uma das cidades mais importantes do Tocantins, destaca-se como um polo regional que reúne elementos culturais e históricos provenientes de diversas partes do Brasil. Sua formação foi impulsionada por migrações de povos de diferentes localidades, que trouxeram consigo tradições, costumes e saberes, resultando em uma rica diversidade cultural. Esse mosaico de influências é refletido em suas manifestações artísticas e culturais, entre as quais a capoeira ocupa um lugar especial. Como expressão cultural que combina luta, dança e música, a capoeira em Gurupi não apenas conecta a cidade às suas raízes afro-brasileiras, mas também reforça seu papel como espaço de intercâmbio e preservação de identidades. Além disso, a prática da capoeira promove valores como resistência, coletividade e respeito à história, características que enriquecem ainda mais o patrimônio cultural da cidade.

Diante deste cenário, no entanto, uma situação tem chamado à atenção: por falta de incentivo e, muitas vezes, de conhecimento sobre essa manifestação cultural, muitos grupos estão deixando de existir na cidade. Até o ano de 2010 eram sete grupos formados na cidade de Gurupi, porém 14 anos depois apenas três

deles se mantêm ativos, o que tem preocupado os amantes da capoeira e todos aqueles que veem na prática uma forma de resistência e de modo de vida.

Neste capítulo, os estudantes de jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG), Elane Francisco da Silva e Daniel Dantas contam um pouco sobre essa história e registra, de forma breve, três dos mais antigos grupos de capoeira na cidade.

Primeiro grupo de capoeira de Gurupi

O primeiro grupo de capoeira de Gurupi foi o “Moçambique de Capoeira”. A criação aconteceu em 1982 por Gilmar Cardeal, 62 anos, conhecido como Foquinha. Nos relatos, ele lembra de uma realidade de muita discriminação e falta de incentivo. “Por ser uma prática desconhecida, havia muita discriminação e falta de incentivo dos órgãos públicos”, destacou Foquinha.

O grupo atendia um público de várias idades e as aulas eram realizadas em um campo de terra conhecido na cidade como “campo do cosmo”. O local era um dos poucos na cidade que tinha espaço para realização de práticas esportivas na época.

“Abolição”

Depois de 10 anos do primeiro grupo na cidade, surgiu a equipe “Abolição”, criada por um ex-aluno de Gilmar, o “Bizzorro”, que tinha saído de Gurupi e graduado como mestre de capoeira. Ao voltar, criou o “Abolição”, em 1992. A partir deste ano, Gilmar, que era conhecido como Pena Verde, deixou de liderar o seu grupo e foi junto com os alunos para a equipe de “Bizzorro”.



Grupo de Capoeira Abolição

“Senzala Grande”

O Grupo “Senzala Grande” tem como criador Odair Brito de Souza, de 48 anos, conhecido por mestre Navalha. Ele começou as atividades em Gurupi em 2011, 14 anos após ter chegado na cidade, depois de ter deixado a cidade de Miracema, interior do estado do Tocantins, sua terra natal.

O mestre Navalha lembra dos primeiros anos em Gurupi. Ele explica que dava aulas em diversas escolas e nas praças da cidade. Segundo ele, o grupo era formado por turmas de várias idades, desde a fase infantil até a adulta. Naquele período o que os limitava na prática da capoeira era a questão estrutural e política, pois era um movimento que ainda estava ganhando força, muitos não conheciam e existia um preconceito.



Mestre Navalha

Atualmente eles vivem outra realidade. Os locais improvisados do passado ficaram nas lembranças: agora o ponto de encontro é o palco do Centro Cultural Mauro Cunha, localização central e com estrutura coberta, o que tem dado mais comodidade e segurança aos membros do “Senzala Grande” e outros grupos. Além disso, desenvolvem atividades em instituições de ensino e feiras.



Grupo de capoeira “Senzala Grande”

As cores e seus significados

A capoeira se diferencia de outras práticas esportivas e culturais por diversas formas e uma delas é a roupa ou como é popularmente conhecida, abadá da capoeira. Na roupa há as cordas passadas na cintura, como se fosse um cinto e com cores variadas. Segundo eles, cada cor significa um nível diferente que cada membro está. Na entrevista, o líder do grupo “Senzala Grande”, explicou que eles têm 15 graduações para adultos, começando pela corda verde e finalizando com a corda branca que é o mestre. Para crianças de até 12 anos existem 5 cores de corda e cada cor simboliza um nível.



“Senzala Grande”. O grupo de capoeira atende crianças de várias idades

Músicas

As músicas cantadas nas rodas de capoeira expressam sentimentos, emoções, mas também é uma crítica social por parte dos capoeiristas. “A capoeira tem um propósito de inclusão social para crianças e jovens, ela lapida o jovem das classes menos favorecidas e também é uma forma de criticar o sistema em diversos aspectos”, explica o mestre Navalha.

Influência

A capoeira, além de ser uma prática cultural de socialização, tem ajudado muitas pessoas em diversas outras áreas, como a Maynara Nogueira Silva, 26 anos. Ela começou a treinar capoeira com o grupo “Senzala Grande” em 2015, quando tinha 15 anos. Ela conta que a capoeira proporcionou uma mudança de vida. “A minha saúde física, psicológica e desempenho escolar foi algo transformado depois da capoeira”, explicou Mayara, que após alguns anos parou a prática, mas agora quer voltar e levar as duas filhas para aprender.

O secretário de esportes de Gurupi, Iron Junior, explicou que o município apóia as práticas esportivas na cidade, apesar dos recursos limitados, cedendo espaços como no Centro Cultural Mauro Cunha e auxiliando dentro das possibilidades. Ainda segundo ele, foi recentemente inaugurado mais um polo de capoeira na Escola Municipal Agripino de Souza, com aulas uma vez por semana.

Sobre a capoeira

A capoeira é uma das manifestações culturais mais emblemáticas do Brasil, combinando luta, dança,

música e jogo em uma prática rica em história e significados. Criada no período do Brasil Colônia, no século XVI, pelos negros escravizados, a capoeira surgiu como uma estratégia de resistência à opressão dos senhores, disfarçando sua prática de luta em movimentos rítmicos e coreografados, o que possibilitou sua sobrevivência mesmo diante de rigorosas proibições.

Mais do que um sistema de autodefesa, a capoeira tornou-se uma forma de preservação das tradições culturais e das identidades africanas, funcionando como um elo de união e fortalecimento comunitário em um contexto de extrema adversidade. Sua música, composta por instrumentos como o berimbau, o pandeiro e a atabaque, e suas cantigas carregam histórias de luta, esperança e ancestralidade, conectando passado e presente. Hoje, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, a capoeira transcendeu fronteiras, sendo praticada em diversas partes do mundo como símbolo de resistência, inclusão e celebração da diversidade cultural brasileira. Sua continuidade reafirma a importância de valorizar e preservar essa herança, que carrega valores de liberdade, resiliência e identidade coletiva.

EVA DE OLIVEIRA MARTINS: PIONEIRA NO BAIRRO MALVINAS EM GURUPI

Altemar de Oliveira Martins

O estudante de jornalismo da UnirG, Altemar de Oliveira Martins resolveu escolher a história da sua mãe para contar, dona Eva Melo de Oliveira Martins de 66 anos. O estudante traz ricas informações sobre a chegada da família dele na cidade e revela que a mãe foi uma das primeiras moradoras do Setor Malvinas, um dos bairros mais antigos da cidade.

O ano era 1978. Dona Eva Melo de Oliveira tinha apenas 19 anos quando saiu com os pais dela e os irmãos da cidade de Ponte Alta no Tocantins, para tentar uma vida melhor em Gurupi. Ela veio com a família em busca de melhores condições de terra para o cultivo de lavouras, pois onde estavam a dificuldade financeira era grande.

Eva veio junto com seus pais, o senhor Raimundo José de Oliveira e a dona Lídia Martins de Melo e com os irmãos: Adenauer, Gislene, Maria Melo, Aníbal, Adão, Enerstina e Alexandrina. A família se reuniu e decidiram ir todos para uma cidade ainda desconhecida, Gurupi, mas com promessa de uma vida melhor para todos.

Chegada ao setor Malvinas

Após morar em várias localidades em Gurupi, Eva conheceu o primeiro esposo, Josué Martins Turibio, que

era primo dela. Logo se casaram e foram morar no setor Malvinas, um ano depois da criação do bairro, em 1982. Ela ainda lembra das condições do setor quando foi criado. Segundo Eva, o lugar não tinha infraestrutura básica e as primeiras casas eram bem simples e sem segurança.

“No início do setor Malvinas, o bairro não tinha água encanada e as casas não tinham boas estruturas. As ruas eram como se fosse um ‘carreirinho’, bem pequenas. Muitas residências, como a minha, eram de pau a pique e nenhuma delas eram muradas. Além disso, os banheiros eram de uma estrutura feita com restos de madeira e um buraco no chão que servia como vaso sanitário. Essa estrutura ficava do lado de fora da casa. Os mais antigos chamavam de patente ou privada”, revela.

Naquela época, dona Eva trabalhava de lavar roupas para outras famílias para conseguir ajudar o marido no sustento da casa, já que ele precisava se dedicar ao trabalho da roça, como lavrador.



Dona Eva

Com o passar dos anos, dona Eva conseguiu trabalhar com serviços gerais no município até conseguir um emprego como profissional da limpeza urbana. Dona Eva se aposentou em 2015.

Lavanderia Comunitária

Dona Eva explicou ainda que o setor foi criado através da força de trabalho de pessoas muito simples e no lugar foi construído uma lavanderia comunitária, onde as mulheres do setor e também de outras áreas da cidade usavam o local para lavar suas roupas. Na época, o idealizar foi o prefeito Jacinto Nunes e sua esposa, a primeira dama, Dolores Nunes, que era conhecida como “mãe dos pobres”, por fazer várias ações sociais na cidade. “Dolores foi a criadora do setor e ajudava muito as pessoas aqui. Essa lavanderia foi uma ideia dela e ajudou muitas famílias”, explicou Eva. A antiga lavanderia comunitária não existe mais e o lugar é hoje um lote deserto.



Lugar onde funcionava a lavanderia

Eva Melo teve sete filhos, seis deles do primeiro casamento e um do segundo, onde foi casada com Otacílio Ribeiro da Silva. Infelizmente um dos filhos do primeiro matrimônio acabou falecendo ainda recém-nascido. Todos os filhos foram criados no bairro

Malvinas. Foram eles: Altemar, Leiliane, Liliane, Luzirene, Mirian Aparecida, Altair e Aldenir, que foi o bebê que morreu.

Dona Eva vive atualmente cercada de amigos e familiares. Na memória, os momentos difíceis que passou, mas também as lembranças das conquistas e da sensação de dever cumprido ao criar os filhos com honestidade, mesmo em meio a tantas dificuldades.

Além disso, a moradora lembra de como a sua vida caminha junto a história do setor Malvinas e, até mesmo, à história de Gurupi. O setor Malvinas que antes era um local sem estrutura, hoje já possui uma estrutura melhor para os seus moradores. Quem mora no lugar até hoje sabe bem o gosto da conquista de tanto desenvolvimento do bairro Vila Iris, popular Setor Malvinas.

A HISTÓRIA DE GURUPI PELA ÓTICA DA FAMÍLIA MACIEL

Lucas Gomes Glória e Mariana Barros Viríssimo

Nesta reportagem, o leitor vai conhecer mais sobre Gurupi pela ótica da família Maciel, protagonizada pelo casal Silvério de Souza Maciel e Iraildes Carneiro Maciel. Uma família que chegou à cidade e viu de perto o desenvolvimento local. A produção é dos estudantes de Jornalismo da UnirG, Lucas Gomes Glória e Mariana Barros Viríssimo. A narrativa é contada por meio da entrevista que eles fizeram com o filho do casal, o jornalista e empresário, Silvério Filho.

Tudo começou em 1966, com a chegada do casal Silvério de Souza Maciel e Iraildes Carneiro Maciel em Gurupi. Ao chegarem na nova terra, ele tinha apenas 24 anos e ela 36 anos. O casal teve seis filhos, perderam dois já jovens que foram o Hélio Carneiro Maciel e Deusimar Carneiro Maciel.



Silvério de Souza Maciel e Iraildes Carneiro Maciel.

Ao chegar em Gurupi, Silvério de Souza Maciel era vendedor ambulante, depois começou a trabalhar como comerciante. Na época tendo um dos maiores empreendimentos no então distrito de Cariri, hoje cidade. A dedicação era tanta que foi até nomeado como Subprefeito da cidade, pelo então Prefeito Henrique Santana (*in memória*).

De comerciante à produtor rural, a família era visionária e sabia aproveitar as oportunidades. Eles viram na região de Gurupi um local de oportunidade para compra e venda de gado e foi onde a vida começou a melhorar. Devido as várias atividades desenvolvidas pela família, eles conseguiram contribuir com o desenvolvimento econômico de Gurupi.

A família comprou várias terras, além da criação de gado. Também vendiam leite em fazendas vizinhas da cidade. “Meu pai usava um carro chamado pampa, um dos primeiros veículos adquiridos quando veio para a região sul. Eles também produziam queijos, doces e diversos produtos derivados do leite. A comercialização era de porta em porta e também para os feirantes da região”, explicou Silvério Filho.

O Primeiro terreno adquirido em Gurupi

Durante a entrevista, Silvério Filho explicou que, ao chegarem em Gurupi, a família morava na avenida Maranhão, entre as ruas 5 e 6. O local foi adquirido após muitos anos de trabalho. Hoje é o centro de Gurupi, porém na época, era um lugar deserto. “Jamais imaginávamos que seria centro da cidade, uma vez que não tinha nem ruas. Com o tempo foi tomando forma e hoje é o centro e pertence a nossa família até hoje”, destacou.

A Escola Adventista

A família também tem um papel importante da área educacional e religiosa em Gurupi. No ano de 1967, quando chegaram na cidade, era comum reunir a família para ouvir pelo rádio o Programa a Voz da Profecia, naquele tempo dirigida pelo Pr. Roberto Rabello. Eles passaram a estudar sozinhos a Bíblia e a se reunir na casa de irmãos recém-convertidos que guardavam o sábado. Todos já eram convertidos a religião adventista.

A partir daí, houve então a necessidade de dar uma boa educação aos filhos. Olga, sua primeira filha, já havia trabalhado na área da educação no estado de São Paulo e resolveram então criar uma escola onde ela pudesse lecionar e os seus irmãos pudessem estudar. Com o tempo, buscaram recursos junto à prefeitura e criaram em março de 1969 a Escola Municipal Adventista. Situada na rua 20, esquina com Avenida Goiás, em um barracão improvisado. Eram apenas duas professoras: Maria Olga Carneiro e Dalva Naves, que juntas desempenhavam todas as funções da escola.



Primeira Escola Adventista de Gurupi

No dia 26 de fevereiro de 1971, foi finalizada a compra e venda do terreno que ficava na rua 06, entre Goiás e Maranhão, onde existia uma construção de uma máquina de arroz. Em 1972, a Escola Municipal Adventista passou a ter sua sede neste endereço e a contar também com o apoio de mais professores.

Primeiro diretor e as dificuldades

No ano de 1975, a escola recebeu o primeiro diretor, o Pastor João Batista Macedo. As dificuldades eram muitas, não havia carteiras e os alunos tinham que escrever no colo ou no chão. O professor se virava como podia para desenvolver atividades com os alunos. Se quisessem aplicar algum material em folha ou impresso, precisavam enfrentar filas no sol em frente à prefeitura para rodar as tarefas no único mimeógrafo existente. Até o ano de 1984, a escola foi conveniada ao município.

Só após muitos anos a realidade foi mudando, a estrutura melhorando e o número de profissionais crescendo. Assim, com os anos, ganhou-se uma estabilidade tanto na parte estrutural como pedagógica. Em 2019, uma nova unidade foi construída e entregue a comunidade por meio de uma inauguração que aconteceu no dia 28 de março de 2019.



Igreja Adventista em Gurupi

Após a morte dos pais, Silvério Filho assume os negócios da família

Silvério de Souza Maciel nasceu no dia 20 de junho de 1922 e tinha 90 anos quando faleceu em novembro de 2012. Ele morreu depois de uma insuficiência respiratória. Na época, chegou a ser hospitalizado, mas não resistiu. A esposa dele, Iraildes Carneiro Macie, que nasceu em 25 de dezembro de 1930, morreu aos 78 anos, no dia 28 de abril de 2008, em decorrência de um acidente vascular cerebral (AVC).

Com a morte dos pais, Silvério Maciel Filho, foi o filho que assumiu os negócios da família. Ele lembra que foi um tempo difícil, mas precisavam continuar o legado da família. Os finais de semana e feriados se tornaram dias de trabalho, onde precisavam intensificar os cuidados dos negócios na roça da família. “Meu pai

morreu, mas deixou um grande legado”, ressalta com emoção.

Atualmente, os filhos do casal que permanecem vivos são: o empresário, jornalista e escritor Silvério Filho, Deusanete Carneiro Maciel que atua como Psicóloga e Maria Olga Maciel da Fonseca que se formou em Licenciatura em Ciências.

CASA DO IDOSO EM GURUPI

Ivanice Neres e Coraci Moreira Rocha

Neste capítulo, de forma resumida, as estudantes de jornalismo, Ivanice Neres e Coraci Moreira Rocha, contam um pouco sobre a história da Casa do Idoso de Gurupi. Em visita ao lugar, elas mostram no texto informações valiosas sobre o local.



Casa do Idoso de Gurupi

Gurupi também é palco de histórias inspiradoras sobre amor e cuidado, como a da Casa do Idoso, que, desde 1986, tem sido um símbolo de acolhimento e

respeito à velhice. Atualmente, o local abriga 20 pessoas, entre homens e mulheres com idades entre 65 e 93 anos, oferecendo a elas um espaço de dignidade, atenção e convivência. Ao longo de sua trajetória, centenas de idosos já foram beneficiados pelos cuidados prestados pela instituição, que representa um importante exemplo de solidariedade e compromisso social na cidade.

A Casa do Idoso reflete a importância de valorizar os mais velhos, assegurando a eles não apenas cuidados físicos, mas também a oportunidade de viver essa etapa da vida com acolhimento, segurança e bem-estar. Com a proposta do cuidado, as estudantes contam que muitos idosos chegam à Casa do Idoso vítimas de maus tratos pelos próprios familiares. Muitos passaram por diversas situações como abandono, violência doméstica, psicológica entre outros tipos de crimes.

Infraestrutura

Mesmo muitos deles chegando com o psicológico abalado, eles são recepcionados em um lugar bem estruturado, limpo e com uma equipe multidisciplinar que trabalha com a parte emocional e física.

Ao contrário do que muitos pensam, eles não dividem os dormitórios. Cada idoso tem um quarto individual, com toda estrutura adequada, como armários, camas, banheiros, ambiente climatizados entre outros utensílios fundamentais.



Momento de lazer na Casa dos Idosos

Depois de uma noite em local confortável e seguro, sempre que acordam são recepcionados por funcionários e voluntários, onde recebem as medicações que precisam tomar. Eles tomam café da manhã reforçado, fazem exercícios no pátio do local entre outras atividades desenvolvidas por uma equipe completa de profissionais.

Durante todo o dia, se alimentam adequadamente, descansam, conversam e se divertem uns com os outros. O local oferece todo um ambiente familiar de cuidado que as pessoas que estão na melhor idade precisam e merecem.

Os idosos que moram no lugar recebem atendimentos médicos, psicológicos, assistência social, entre outros. As atividades físicas também são desenvolvidas com eles. Profissionais dessa área e

estudantes universitários de Gurupi desenvolvem várias atividades que ajudam na saúde de cada um deles.

Muitos idosos já moram no lugar a mais de 10 anos. As estudantes destacaram que conheceram o ambiente e afirmam que é bem aconchegante e acolhedor. Outra informação que chama a atenção é que todos que passam pelo lugar, geram uma aproximação muito grande com os servidores e voluntários do lugar, pois os consideram um membro da família.



O local é agradável, seguro e atende mais de 20 idosos.

O Centro de Convivência dos Idosos, conhecido como “Casa do Idoso”, funciona no Setor Sol Nascente. O local é administrado pela Prefeitura Municipal de Gurupi e tem parceria da Universidade de Gurupi (UnirG), entre outros parceiros.

Durante entrevista com a coordenadora da Casa dos Idosos, Neiva Norá, a gestora disse que apesar deles recebem todo amor e cuidados necessários, eles ainda sentem muita falta dos familiares e queriam estar nas próprias casas. “Sabemos que o melhor lugar é nossa casa, por mais que a gente dê tudo, tem alguns que falam que queriam estar na própria residência. A

maioria não tem mais família. É muito difícil para eles ficarem em casa sozinhos. Mas aqui eles são bem assistidos”, explicou a coordenadora.

A Casa do Idoso é um exemplo prático da preocupação de muitas pessoas em ver idosos que precisam de atenção especial viverem o resto de suas vidas em um local seguro e acima de tudo, recebendo muito amor por parte dos que fazem parte do lugar.

Envelhecer com dignidade é um direito fundamental que reflete o respeito de uma sociedade por seus cidadãos mais velhos. Para muitos, especialmente aqueles sem suporte familiar, as casas de idosos se tornam espaços essenciais de acolhimento, cuidado e convivência. Garantir que esses locais ofereçam condições adequadas, com assistência à saúde, conforto e valorização emocional, é indispensável para que a velhice seja vivida de forma plena e respeitosa. Mais do que atender às necessidades básicas, essas instituições têm o papel de proporcionar um ambiente onde os idosos se sintam valorizados, amados e integrados, assegurando que essa etapa da vida seja marcada por bem-estar, segurança e dignidade.

CURIOSIDADES SOBRE OS NOMES DAS AVENIDAS DE GURUPI

Aldivo Manuel da Silva e

Marcieide Alves da Silva

Gurupi é uma cidade que surgiu por meio do seu grande potencial econômico e das vastas riquezas naturais e minerais, além de grandes áreas de terras férteis, atraindo centenas de famílias de retirantes de vários estados do Brasil à procura de melhoria de vida.

Gurupi teve a sua emancipação política em meados de 1958, já impulsionada pela abertura da rodovia Belém-Brasília (BR153), que acontecia naquele ano. Pela entrevista feita pelos estudantes Aldivo Manuel e Marcieide Alves, com um dos primeiros moradores de Gurupi, o leitor vai conhecer mais sobre as curiosidades dos nomes das avenidas de Gurupi e por que a rua 13 tem uma história tão forte.

Pioneiro Manoel Wenceslau Basto

Quem conta essa história mais detalhada é o senhor Manoel Wenceslau Basto, de 84 anos. Ele explica que morava na cidade de Irecê, estado da Bahia, mas em meados de 1952, se mudou para Gurupi. “Quando eu cheguei aqui só existiam poucas casas e ainda eram de palha. Na época, vim trabalhar como operador de

máquinas pesadas, mas também atuei como topógrafo, agrimensor, contador e por último, ainda conclui o curso de piloto de pequenas aeronaves na cidade vizinha, que era Porto Nacional”, explicou Manoel.

Mas foi como topógrafo e agrimensor que deu a contribuição dele ao desenvolvimento de Gurupi. Ele foi convidado por um escritório de engenharia da cidade de Porto Nacional para comandar e desenvolver o traçado da cidade de Gurupi, ficando assim a cargo dele e de outro profissional de agrimensura, chamado Antônio Luís de Souza Costa (*in memoria*).

Durante entrevista aos estudantes, Manoel explicou que ficou decidido que as ruas e avenidas seriam largas e os lotes centrais seriam grandes para que pudessem ser residenciais e comerciais, uma decisão que já mostrava a visão de futuro sobre a cidade.



Na foto, Manoel Wenceslau e a esposa dele, dona Iracy

O trabalho de topografia, agrimensura e piqueteamento, ficou a critério de Antônio, já as anotações e delineamento do traçado ficou na responsabilidade do senhor Manoel. “Ficou também decidido que as avenidas teriam os nomes dos respectivos estados da federação. Essa decisão era em homenagem aos bravos retirantes que tinham desbravado a região naquela época”, ressalta.

Nomes dos Estados nas avenidas

Quem mora em Gurupi sabe que as ruas e avenidas tem nomes peculiares, como, por exemplo, dos estados brasileiros. Manoel explicou que a escolha foi em homenagem as famílias que moravam em outros estados, mas que chegaram na era do desenvolvimento de Gurupi. Foi a partir disso, que surgiu a ideia de batizar com esses nomes, para homenagear essas pessoas.

Na cidade, quem chega, vai encontrar os seguintes nomes das avenidas: *Guaporé, Rio Branco, Amapá, Bahia, Brasília, Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba, Ceará, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Goiás, Pará, Mato Grosso, Amazonas, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Sergipe.*

Numeração das ruas

Outra informação interessante explicada pelo senhor Manoel foi sobre algumas ruas de Gurupi. Muitas delas, apesar de ter uma numeração, também possuem nomes de personalidades importantes para a cidade. Um exemplo disso é a rua 11 que também é

conhecida como: **“Eurídice Rodrigues de Brito”**. Ela foi a primeira mulher a morar em Gurupi. Na praça da Igreja Matriz (Santo Antônio), foi colocado um busto dela no meio da praça. Além dela, outros nomes também marcam as ruas da cidade. Foi mesmo a partir de 1970, que essa ideia de batizar todas as ruas com nomenclaturas se intensificou ainda mais.



A rua 11 em Gurupi, tem o nome da primeira mulher da cidade, Eurides Rodrigues. Na praça da igreja Santo Antônio tem um busto dela.

Rua 13 – a primeira de Gurupi

A rua 13 é uma das vias mais conhecidas e movimentadas da cidade. No mapa ela ainda é considerada BR-242. É uma rua importante e dá acesso a essa rodovia.



Rua 13 em Gurupi e que também é BR 242

Mas a história dela não é nova e tem uma explicação bem interessante, foi o que contou Manoel: “Quando os nomes e números das ruas foram organizadas, a ideia é que começaria da rua da mata, a rua 13. O número escolhido foi proposital e foi em homenagem a uma numerosa família de retirantes do estado de Alagoas que tinha por tradição desde quando chegaram em Gurupi, proporcionar uma grande festa justamente no dia 13 de maio, dia em que se comemora a libertação dos escravos no país”, conta.

A história continua, mas neste recorte já é possível entender que toda rua, toda avenida e cada local de Gurupi tem a justificativa dos nomes, as numerações das vias e acima de tudo, o povo que

passou por aqui. Toda a história por trás do legado que se eternizou dos moradores que vieram para a cidade. Para vivenciar isso, basta passar pelas ruas e ter a curiosidade de conhecer cada ponto da cidade que é a terceira maior do Tocantins.

PARQUE INDUSTRIAL DE GURUPI (PAIG)

Samuel Ferreira da Silva Passarinho e

Paulo Barros da Silva

Com mais 80 mil moradores, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Gurupi é uma cidade atrativa para investimentos em diversas áreas. Nos quase 70 anos de existência, o município já mostrou que tem potencial para receber empresas de vários segmentos, o que tem sido fundamental para o desenvolvimento econômico da região. A localização estratégica também favorece novas oportunidades de investimento.

A condição fiscal do Tocantins acabou sendo fundamental para que empresas se sentissem atraídas ao investimento no mais jovem estado do Brasil. Gurupi, em todo esse contexto, saiu beneficiado. O Tocantins atualmente oferece um dos mais abrangentes conjuntos de incentivos fiscais do Brasil, com 11 modalidades que incluem, entre outros benefícios, reduções tributárias e facilidades para a instalação e manutenção das empresas, além disso, o governo estadual disponibiliza infraestrutura para os empresários que chegam ao Tocantins.

Parque Industrial de Gurupi (PAIG)

Atualmente, o Parque Industrial de Gurupi (PAIG) recebe atenção especial dos governos estadual e municipal, com incentivos fiscais e doações de áreas como parte da política de atrativos para novos negócios, que, juntamente com a logística, são fatores positivos para o escoamento da produção.



O Industrial tem empresas de vários segmentos

O governador Siqueira Campos assinou em 2013 a autorização de mais de R\$ 2 milhões para a realização de obras de revitalização do Parque Agroindustrial. Entre as ações, foram a recuperação do asfalto do trevo de acesso ao parque pela Avenida Goiás, a recuperação do pavimento e construção de meio-fio nas vias principais e secundárias, além de pavimentação asfáltica e obras de eletrificação.

História do Setor Industrial de Gurupi

O Setor Industrial foi criado para impulsionar o desenvolvimento econômico da região, oferecendo infraestrutura para a instalação de indústrias e a geração de empregos. Sua criação se deu em um contexto de busca por diversificação econômica e atração de investimentos para o município.

Criação e Motivos

O distrito agroindustrial de Gurupi foi criado pela Lei Municipal n.º 732/88 e Decreto n.º 031/90 e está localizado na Rodovia BR-153, saída para o município de Aliança. Com uma área total de 1.801.486,59 m² e 459 lotes disponíveis, o objetivo é proporcionar um espaço adequado para a instalação de indústrias, atraindo investidores e promovendo o crescimento econômico local. A necessidade de geração de empregos e o fortalecimento da economia regional foram fatores cruciais para sua implementação.

Logística estratégica

As BRs 153 e 242 passam por Gurupi e são algumas das mais relevantes rodovias de integração nacional. A BR-153 é atualmente a principal ligação entre o sul e sudeste do Brasil com a região amazônica, além de parte do nordeste brasileiro.



Uma das maiores empresas frigoríficas do Tocantins, está instalada no Industrial

A BR-242, que conecta Gurupi à Bahia, atravessa todo o sudeste do Tocantins. É uma via importante para a conexão do Brasil com países vizinhos como Bolívia e Peru. O cruzamento dessas rodovias em Gurupi posiciona o município como um dos centros mais significativos do transporte multimodal no país.

Isso se deve também à Ferrovia norte-Sul, que possui um Pátio Multimodal na cidade, representando um impulso para a economia local, gerando empregos e renda. Além disso, a Ferrovia Leste-Oeste, em obra, que ligará Ilhéus, na Bahia, a Figueirópolis, no Tocantins, também passará pelo sul do Tocantins. Essa nova linha férrea terá uma extensão total de 1.500 quilômetros, abrangendo municípios tanto da Bahia quanto do Tocantins.

Para o agronegócio, a localização estratégica da cidade facilita o escoamento da produção e estimula novos empreendimentos.

Empresas Abertas, Fechadas e em Funcionamento

O Parque Agroindustrial de Gurupi vem se destacando desde 2021 com as tratativas e investimentos que visam seu crescimento. Neste mesmo ano já abrigava 41 empresas, que geravam mais de 1.400 vagas de trabalho, além de contar com 220 lotes disponíveis para novos investidores. O Governo do Estado investiu aproximadamente R\$ 2,5 milhões nas obras de reforma do Parque, utilizando recursos do Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE). No setor, ainda se encontra algumas empresas fechadas devido aos desafios econômicos, enquanto outras continuam operando com poucos recursos.

No entanto, neste ano de 2024 durante o mês de junho, a Prefeita Josi Nunes juntamente com toda a comissão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente com o intuito de fomentar o crescimento econômico beneficiou 03 novas empresas pensando no desenvolvimento do município, a saber: AG+2 Participações LTDA, Antigen Desenvolvimento de Tecnologia de Vacinas e Serviços LTDA e a Suíno Carnes Indústria e Processamento de Produtos Alimentícios LTDA.



Muitas empresas acabaram fechando

O secretário de desenvolvimento econômico e meio ambiente, Wilson Félix, explicou que existe um esforço da Prefeitura para fortalecer o PAIG. “Estamos criando um ambiente de negócios mais favorável e seguro para os empreendedores locais e regionais, para tornar o PAIG um polo ainda mais sólido e atrativo para novos investimentos”, destacou.

Em outubro de 2024, o diretor da Associação Comercial e Industrial de Gurupi (ACIG), Jair Sakai, juntamente com o secretário de desenvolvimento econômico e meio ambiente, realizaram em Palmas a entrega de um pedido de revitalização de Parque Agroindustrial de Gurupi, um projeto de quase 30 milhões de investimento. O projeto foi entregue na SICS - Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços do Tocantins.

Condição do Local

A aparência do setor industrial de Gurupi é dividida em dois cenários, onde uma parte está com aspecto de abandono, com a presença de empresas fechadas e com falta de manutenção, e outra com intensa atividade de construção e desenvolvimento.

Em contato com os empresários locais, é notória a satisfação com a oportunidade e incentivo para a realização de um sonho. O empresário Gustavo Gomes, dono da Esplendor Indústria de Cerâmica Ltda, elogiou o planejamento da secretaria municipal, destacando o crescimento organizado. “A cidade está bem estruturada e tem um futuro promissor, o que nos motiva a expandir nossos negócios aqui”, afirmou.

Altair Luiz Vinhal Junior, proprietário da Vinhal Alimentos Ltda, agradeceu o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente. “Agradeço o reconhecimento e a segurança jurídica oferecida pela Prefeitura aos empresários do PAIG”, concluiu.

Relatos como estes enaltecem o espaço e geram interesses para que outros empresários busquem investir na PAIG, e que o cenário de abandono deixe de existir para que indústrias avancem.

Famílias no Bairro

Por outro lado, o bairro que abriga o Setor Industrial é geralmente composto por trabalhadores, suas famílias e pessoas que buscam emprego nas indústrias. Muitas dessas famílias podem ter laços com a economia local e algumas podem depender das oportunidades de trabalho oferecidas no setor.

Realidade das Famílias

A realidade das famílias que moram nas proximidades do Setor Industrial pode ser desafiadora. Muitas enfrentam dificuldades econômicas, como o desemprego ou falta de acesso para o centro da cidade, devido à distância de se locomoverem.

Ao mesmo tempo, a presença do setor pode oferecer esperança e oportunidades para melhorar a qualidade de vida. Se o desenvolvimento for em grande escala, os moradores serão beneficiados com empregos próximos às suas casas, movimentação econômica na região e melhor infraestrutura e segurança local. É fundamental haver programas de capacitação e apoio

para que a população possa se beneficiar plenamente das oportunidades de trabalho.

Oportunidades

Com base na viabilidade logística e no potencial do agronegócio, acredita-se no aumento das áreas de cultivo e pecuária, tanto pela questão geográfica quanto pela capacidade de crescimento.

No setor pecuário, o Sistema de Produção Integrada (SPI) é um dos principais empreendimentos que atuam na produção integrada de carne como unidade terminadora de animais. O SPI oferece oportunidades de mercado para os produtores da região e maior rentabilidade para os investidores, com um sistema de confinamento bovino, que representa uma nova opção de negociação na pecuária. No mesmo segmento, a Cooperativa de Produtores de Carnes e Derivados (Cooperfrigu) tem promovido o desenvolvimento econômico da região há, mais de 25 anos, comercializando produtos bovinos e seus derivados. Com uma média diária de abate de 300 cabeças, a cooperativa emprega 600 pessoas e, com a estrutura atual, é capaz de exportar para 130 países. Rússia, Egito e Hong Kong estão entre os principais importadores.

POTENCIALIDADES DE EMPRESAS NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE GURUPI

Paola Ramos Soares

O Tocantins se consolidou como uma das principais potências agropecuárias do Brasil. Um avanço de quase 26%, nos últimos anos, segundo dados da Secretaria da Agricultura e Pecuária (Seagro) e Instituto Brasileiro, Geografia e Estatística (IBGE). Isso representa também um avanço de 11,04, no produto Interno Bruto (PIB). Gurupi, localizada na região sul do Tocantins é uma cidade que tem forte participação nessa realidade.

Com 66 anos, Gurupi é um exemplo de implantação de empresas em seus vários segmentos. O agronegócio, por exemplo, é uma das grandes responsáveis por impulsionar o desenvolvimento econômico do estado, já que tem uma importante produção de bovinos de corte, leite, cultivo de arroz e soja.

Várias regiões do Brasil recebem alimentos do agronegócio gurupiense. A produção de carne, por exemplo, tem forte movimentação. Um dos frigoríficos da cidade exportam para dentro e fora do país, o que representa uma movimentação milionária para a região.

Cooperfrigu

A produção bovina tem uma movimentação significativa em Gurupi. Uma das maiores empresas é a Cooperfrigu, que é uma referência na compra de gado e comercialização de carne bovina. Em 2020, a empresa vendeu 93,93 milhões quilos de carne para o exterior. Segundo a direção do frigorífico, mais de 100 países receberam o produto.

A empresa tem como fundador o empresário Oswaldo Stival (*in memoriam*) que inaugurou o lugar na década de 1980. A empresa é uma grande pioneira para o desenvolvimento local.



Cooperfrigu – uma das maiores empresas de Gurupi

Oswaldo Stival Junior, atual presidente da empresa, deu continuidade ao trabalho do pai mantendo a tradição da família. Atualmente a empresa conta com

mais de 600 funcionários diretos, fora os indiretos que atuam no lugar. Além disso, eles também administram o próprio confinamento.

Produção de Grãos. Empresa Fazendão

Na produção de grãos destaca-se a empresa Fazendão Agronegócio. O empreendimento que iniciou as atividades em 2004, conta com a comercialização de produtos agroindustriais e insumos. A empresa se tornou uma das maiores indústrias de exportação de grãos com mais de 650 mil toneladas de soja por ano, e emprega mais de 700 colaboradores. O dono, Volney Aquino dos Santos, é de Goiás, mas acreditou no comércio local, por isso investiu no estado do Tocantins.



Empresa Fazendão. Foto – rede social da empresa

Posto de Combustível Marra e empresa Conectlan

Outro grande investidor na região gurupiense foi Clovis Marra, pai de Marcelo Marra empresário dono dos postos Marra e da rede de internet Conectlan. Segundo ele, a chegada em Gurupi aconteceu depois de ele ter passado pela região com a esposa. A estrutura do lugar e a qualidade das terras chamaram atenção do empresário. “ Eu estava só de passagem com minha esposa, soube das boas terras da região entrei em contato com meu irmão em Minas Gerais e ele já veio de mudança, mexemos com lavoura a 50 anos, é uma região que evoluiu muito, e continua evoluindo”, explicou Marcelo.

As empresas, sejam elas do agronegócio ou de qualquer outro ramo, tem papel importante em Gurupi. Elas são responsáveis pela geração de milhares de empregos e proporciona o desenvolvimento econômico da região. Quem trabalha como colaborador sabe muito bem da importância dos empreendimentos na cidade, como o vendedor de loja agropecuária, João Ronaldo, de 57 anos. “Estou em Gurupi há 55 anos, vi muitas lojas agropecuárias serem instaladas por aqui, trabalhei de vendedor em muitas delas. Quando cheguei por aqui foi na busca de uma vida melhor. Conquistei meu espaço e estou aqui até hoje. Graças a Deus e as pessoas que acreditaram no lugar e resolveram investir aqui”, destacou o vendedor.

A CÂMARA MUNICIPAL DE GURUPI

Adriana Alves Castelo Branco

O contexto histórico da Câmara Municipal de Gurupi, se entrelaça com a história da criação do município, que foi oficialmente emancipada no ano de 1958. A Casa de Leis foi instalada depois da primeira eleição para prefeito, que ocorreu em 03 de outubro de 1960, um mandato tampão que durou dois anos.

Segundo a obra O lendário Gurupi de Roberto José (Robertão), a Câmara foi instalada em 02 de fevereiro de 1961 e o primeiro presidente eleito foi Raimundo de Souza Camelo, que na época era do partido PTN.

Nesta trajetória Gurupi ainda era uma cidade em formação, e pela busca do progresso e da construção da cidade, o Poder Legislativo Municipal, que tem um papel importante para a democracia e o desenvolvimento de uma região, passa aos poucos a lutar pelos anseios da população.

Primeiros Presidentes e vice-presentes da Câmara

Existe um pequeno acervo histórico dentro do legislativo municipal, onde fica o registro sobre todos os ex-presidentes e seus vice-presidentes. Entre 1960 e

2024 foram quase 40 nomes estiveram a frente dos trabalhos legislativos. Pela ordem:

1. Raimundo de Souza Camelo e João Manoel dos Santos
2. Ana Aires Santana e Godofredo de Souza
3. João Borges Neto e Romulo Leitão Brito.
4. João Pereira Pimenta e Rômulo Leitão Brito
5. Luiz Nunes Peixoto e Wanquilha Estácio Leite,
6. José Maciel de Brito e José Cardeal dos Santos.
7. Adão Dias Ribeiro e Adair Dias Ribeiro.
8. Adão Ferreira e Aldair Dias Ribeiro
9. Otalmir da Rocha Gomes e Miguel Campos Nogueira
10. João Queiroz Neto e Paulo Vergílio Rocha Ribeiro
11. Antônio Luiz Lustosa Pinheiro e Francisco Nogueira Lima
12. Gilmar Alves Arruda e Raimundo Moreira Noleto
13. Raimundo Nonato Gomes Feitosa e Gilberto Alves Arruda
14. Lázaro Augusto Rocha Ribeiro e Rita de Cassia Andrade
15. Antônio Jonas Pinheiro Barros e Wanda Maria Santana Botelho
16. José Carlos Ribeiro da Silva e Wendel Antônio Gomides
17. Rodrigo Meneses Maciel e José Pereira da Silva
18. Valdônio Rodrigues e Colemar da Saborelle.

GALERIA DOS PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE GURUPI - TO



Raimundo de Sousa Camelo



João Manoel dos Santos



Ana Aires Santana



Godofredo de Sousa Moraes



João Borges Neto



Rômulo Leitão Brito



João Pereira Pimenta



Wanquilha Estácio Leite



Luiz Nunes Peixoto



Ismael Garcia da Silveira



José Maciel de Brito



José Cardael dos Santos



Osalmir da Rocha Nunes



Miguel Campos Nogueira



Adão Ferreira



Aldair Dias Ribeiro



João de Queiroz Neto



Paulo Vergilio R. Ribeiro



Francisco Nogueira Lima



Antônio Luiz Lustosa Pinheiro



Gilmar Alves Arruda



Raimundo Moreira Noleto



Raimundo Nonato G. Feltoza



Gilberto Alves Arruda



Rita de Cássia Andrade



Lázaro Augusto R. Ribeiro



Antônio Jonas P. Barros



Wanda Maria S. Botelho



Antônio Carlos R. dos Santos



Wendel Gornides



Antônio Valdônio Rodrigues

Galeria dos presidentes da Câmara de Gurupi

O perfil dos vereadores era de formações distintas, como médicos, engenheiros, advogados, contadores, entre outros. Em todos esses tempos, o número de parlamentares variou de 9 até 17 vereadores.

Endereços da Câmara

O primeiro endereço da Câmara foi na rua 01, esquina com a Av. Maranhão, no centro da cidade. O local era uma casa pequena e a prefeitura pagava os salários dos funcionários. A necessidade por novos servidores como contador, faxineira, office boy, secretária, entre outras áreas, era grande, mas ter novos colaboradores ainda era uma realidade distante naquele tempo.

Depois a Câmara mudou para o endereço onde funcionava um espaço de ação social da prefeitura que ficava perto do primeiro endereço. Neste local, já existia o plenário onde acontecia as sessões. Apesar do espaço ser maior que o primeiro endereço, os atendimentos ao público acontecia na cozinha da prefeitura, único lugar disponível. Neste endereço, os serviços do legislativo foram realizados por mais de 20 anos.



Prédio da prefeitura, onde funcionou a Câmara Municipal

Em 1993, a Casa de Leis inicia um novo tempo e resolve alugar um prédio, que ficava na avenida Goiás com a rua 11. Como naquele tempo não tinha sistema digitalizado, tudo era feito em ata e fita cassete. Com o passar do tempo essa realidade foi mudando, conseguiram trazer mais recursos ao prédio, colocar som no local e as sessões começaram a ser mais visitadas pela comunidade.

Outro endereço do Câmara Municipal foi na avenida Maranhão, entre ruas 09 e 10. Nesse tempo o local já tinha mais estrutura, cada vereador tinha o próprio gabinete. Os trabalhos neste local tiveram início em 2012.



Prédio da Câmara na avenida Maranhão (Centro de Gurupi).

Por fim, o último endereço da Casa de Leis, ainda pagando aluguel foi na avenida Goiás, também no centro de Gurupi. Vivendo outra realidade, os parlamentares pagavam um aluguel alto, mas tinham

um prédio moderno, com todo sistema de segurança e transmissão das sessões.

Após muitas décadas pagando aluguel, a Câmara construiu a Sede própria, tendo uma economia milionária. O terreno do novo local foi doado pelo Departamento Nacional de Infraestrutura (DENIT). Com isso, os vereadores ao invés de devolver o duodécimo que sobrava para o município, eles criaram um fundo de recursos, dando início para fazer os projetos e iniciar a construção da Câmara.

Construção e inauguração da Câmara



Sede própria da Câmara Municipal de Gurupi

A assinatura para entrega da doação do local para a construção da sede da Câmara foi assinada pelo presidente da Câmara Valdônio Rodrigues no dia 26 de maio de 2017, a gestão na época da prefeitura estava sendo administrada por Laurez Moreira, que também assinou o termo de entrega do terreno juntamente com o

Superintendente do Patrimônio da União Lúcio Silva Alfnas, o evento foi realizado no auditório da OAB subseção de Gurupi-TO.



Valdônio Rodrigues participa da solenidade de assinatura do termo de entrega do terreno Parque Filó Moreira

O prédio próprio da Câmara de Gurupi foi inaugurado no dia 02 de julho de 2024, no Parque Filó Moreira, próximo da BR 153. O administrativo compõe a maioria dos departamentos, protocolo, assessoria de comunicação, chefe de transporte, diretoria, diretoria geral, recurso humano (RH), controle interno, departamento de contabilidade, coordenador legislativo, assessoria jurídica, licitações, sala das comissões, jurídico, sala de arquivo, Tecnologia da Informação, almoxarifado, banheiros e garagem. No primeiro andar fica a sala do presidente, sala de reunião do presidente, sala do vice-presidente, recepção do vice-presidente, 15 gabinetes dos vereadores, banheiro amplo e copa, porém a partir de 2025 tomarão posse 17 vereadores.

A IMPORTÂNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA CRIAÇÃO DE GURUPI

Valesca Vitória Gonçalves

Quando se fala sobre a história de Gurupi, a igreja católica tem uma forte participação no desenvolvimento histórico e religioso. Em 1958, a cidade recebeu o primeiro Padre, que se chamava Geraldo Torres (in memoriam). Dez dias após ser ordenado, chegou a Gurupi, onde logo começou o processo de início das atividades da primeira igreja da cidade, a Santo Antônio, localizada no Centro da cidade.

No ano de 1960, a pequena capela de Santo Antônio, já não supria a quantidade de fiéis, havendo a necessidade de uma construção maior, da qual foi concluída somente após treze anos, em 1973. Com a expansão rápida da cidade, a realidade de uma nova paróquia foi percebida pelo bispo em exercício da época, Dom Alano Noday, que decretou a criação da Paróquia de Nossa Senhora da Abadia, em 1969, segunda igreja católica da cidade.

Com o aumento de religiosos no município, iniciaram diversas comunidades e igrejas, tendo como exemplo às irmãs dominicanas, que tinham como carisma “Amar e fazer amar Jesus na Eucaristia”. Elas abriram uma comunidade em 1977 como total de quatro religiosas, a princípio, que auxiliavam nas atividades

paroquiais. Após quase meio século da vinda do primeiro sacerdote para a Paróquia Santo Antônio, o nomeado então, Monsenhor Geraldo Torres, entregava o pastoreio da mesma ao Pe. Juarez Gomes, em março de 2002.



Igreja Santo Antônio

Padre Juarez Gomes, foi o terceiro pároco da igreja matriz, atualmente com 43 anos de ministério sacerdotal, ele mora em Gurupi e ainda atua na função, auxiliando agora como vigário paroquial e atualmente com a nomeação de Monsenhor.

Gurupi tem atualmente sete paróquias e diversos movimentos que levam o nome de santos e santas católicos, reunindo milhares de fiéis. O município, que no início de tudo tinha apenas uma única capela, várias igrejas, e contou com nove padres que contribuíram com a evangelização da população gurupiense.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Prof^a Ma. Anette Maria Rodrigues Silva Bento Oliveira

Jornalista, pesquisadora e fotógrafa. Professora e coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (Unirg). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Vice coordenadora do grupo de pesquisa Coletivo 50 - Pesquisa e Prática fotográfica (UFT/CNPq). Pesquisadora do Observatório de Povos Tradicionais do Tocantins-OPTTINS (UnirG/CNPq).

Prof^a Ma. Alessandra Gomes Duarte Lima

Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté-SP (2012), especialista em Marketing pela UFRJ (2002) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade Federal de Goiás (1994). Tem experiência profissional na área de comunicação e marketing. É professora efetiva e atualmente coordenadora do Núcleo de Ensino a Distância, da Universidade de Gurupi - UnirG, em Gurupi-TO.

Prof. Me. Clifton Moraes Correia

Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Ensino de

Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Assessoria de Comunicação e Novas Tecnologias, pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Marabá (FACIMAB). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Gurupi (UnirG). Coordenador de estágio do curso de jornalismo da UnirG (2024). Professor do curso de jornalismo da UnirG (2020 - 2021). Foi professor do curso de especialização do Instituto Específico de Ensino, Pesquisa e Pós - Graduação (IEP) e dos cursos de pedagogia, administração e enfermagem do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (POLO - GURUPI-TO). Professor de Língua Portuguesa no Colégio Genius -COC - Gurupi-TO. Atuou como repórter na TV Anhanguera, afiliada da Globo no Tocantins. Foi produtor de telejornalismo no Programa “O Povo na TV”, SBT Tocantins. Assessorou a Comunicação dos órgãos: Prefeitura de Gurupi-TO, Governo do Tocantins, Sindicato Rural e Câmara Municipal de Gurupi. É diretor do Portal Tocantins Notícia (tonoticia.com.br)

Me. Rafael Silva Oliveira

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. Especialista em Ética e Ensino de Filosofia na Educação Básica pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. Possui experiência docente no Ensino Superior e na Educação Básica (Ensino Médio, Técnico, EJA e Pré-vestibular). Atualmente é professor e pesquisador na UNIRG - Universidade de Gurupi.



Rua Figueiredo de Aguiar, 2041

Centro – Gurupi-TO.

CEP: 77405-030

Gurupi-TO

E-mail: eliosmarveloso@hotmail.com

Face: editoraveloso

<http://www.livrariaveloso.lojaintegrada.com.br>

Whatsapp: **(63) 9-8487-1558**